

PREFÁCIO

Os sábios serão envergonhados, aterrorizados e presos; eis que rejeitaram a palavra do SENHOR; que sabedoria é essa que eles têm?
Jeremias 8. 9

Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vêm a inteligência e o entendimento.
Provérbios 2.6

Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento.
Provérbios 19.27

Aos meus leitores

Este livro é parte de uma apologética do Novo Testamento que obedece à Palavra de Deus expressa em Judas 3: “exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”. A batalha está sendo travada contra a crítica bíblica que se institucionalizou na teologia histórico-crítica ou – como erroneamente ela própria se caracteriza – o método histórico-crítico. Ela reivindica a validade exclusiva e total como “teologia científica” e, pelo menos na Alemanha, domina não somente os departamentos de Teologia das universidades, como também os centros de treinamento das igrejas e até mesmo o ensino nas escolas, descendo até aos níveis da escola primária. Além disso, ela se beneficia de uma ampla propagação internacional e domina com vigor não somente na Europa, mas também na Ásia, na África e na América.

A crítica bíblica questiona a afirmação sobre a Escritura Sagrada ser a revelação de Deus, a inspirada Palavra de Deus. Nesse sentido, ela destrói a fé, embora não pretenda ou não admita que o faça. Mas, como diz um hino alemão, “Se a tua Palavra não é válida, sobre o quê pode a fé se estabelecer?”

Na Alemanha, a pregação baseada na crítica bíblica tem esvaziado as igrejas porque poucas pessoas encontram alguma razão para ir aos cultos

quando lhes são oferecidas somente as pedras da opinião pessoal arbitrária em vez do alimento da Palavra de Deus. A crítica bíblica trouxe um declínio dos valores: a teologia histórico-crítica considera insustentável ensinar aos adolescentes que os Dez Mandamentos são instruções dadas por Deus que devem ser obedecidas. Em vez de ocupar o coração com “tudo o que é de boa fama” e “de alguma virtude” (Fp 4.8), ela desacredita a honestidade, a pontualidade, o trabalho honesto e outras qualidades semelhantes, afirmando-as meras virtudes secundárias remanescentes de uma mentalidade prussiana que não deve mais ser mantida. Além disso, algumas correntes do pensamento histórico-crítico divulgam o *slogan* comunista de que a propriedade particular é roubo. Portanto, o suposto declínio dos valores é, de fato, uma completa destruição deles, que não aconteceu por si mesma, mas sim com a ajuda substancial da teologia histórico-crítica.

É verdade que a Palavra inspirada de Deus não precisa de nenhuma defesa. O que necessita ser defendido é o acesso a ela, algo que a crítica bíblica tem obstruído. Essa é a tarefa da apologética do Novo e do Antigo Testamentos: “Porque as armas da nossa milícia não são carnisais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.4,5).

O esforço da batalha é aplicado em favor daqueles cujo acesso à Palavra de Deus é bloqueado pela crítica bíblica: é pelas vítimas e não pelos que praticam o mal. Estou plenamente consciente de que essa atitude é totalmente contrária à tendência do nosso tempo. A pessoa que argumenta ser mais frutífero vencer os críticos bíblicos pelo amor nas discussões acadêmicas pode tentar fazê-lo; esse não é o meu chamado. Eu sei, por experiência pessoal, que levar alguém da crítica à Bíblia para a verdade na Bíblia não é algo realizável por meio de argumentos que consideram as pressuposições intelectuais da crítica bíblica de tal modo que ele passa aceitar esses argumentos. O caminho que leva da crítica bíblica à fé bíblica passa pela porta estreita, pela conversão a Jesus Cristo, o Filho de Deus e nosso Senhor, o qual nos redimiu por meio de seu sangue derramado na cruz do Gólgota, aquele que “foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25).

A fascinação pela teologia histórico-crítica, à qual os evangélicos, uns menos outros mais, infelizmente sucumbiram, reside na sua alegação de ser científica. Considera-se necessário respeitar os resultados científicos. No entanto, o que tem passado despercebido é o fato de que esses “resultados”, com frequência, não passam de hipóteses não-comprovadas que são declaradas, forçosamente, como fatos, uma vez que foram amplamente aceitas.

O último objetivo que tenho em mente é fortalecer a fé na Palavra de Deus por meio de argumentos científicos. Entretanto, àqueles que divergem da fé singela na Palavra de Deus ou àqueles que estão em perigo de fazê-lo, porque estão impressionados com a alegação da crítica bíblica de validade exclusiva e completa de sua “teologia científica”, eu quero mostrar que estão trocando o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Que o Senhor ajude a muitos a abandonarem o caminho da futilidade e outros a seguirem o caminho reto com mais convicção e segurança.

Eu agradeço a todos aqueles que contribuíram para a formação deste livro com suas intercessões.

Aos meus críticos

Neste livro, como em outro anteriormente escrito,¹ usei o método da refutação por meio da quantificação, sem entrar na investigação estatística no sentido técnico. Careço de requisitos para essa incursão e a maior parte dos meus leitores carece de uma compreensão mais técnica. Alguém que estiver desejoso de observar tais investigações técnicas pode fazê-lo por si mesmo com base nas informações oferecidas em diversos lugares deste livro. Minha preocupação é possibilitar ao leitor testar meus resultados. É, por nenhuma outra razão, senão essa, que continuo utilizando o estudo estatístico mais facilmente acessível de Morgenthaler.²

Na área dos escritos “não-autênticos” do Novo Testamento (Cap. 4), não estendi, após uma cuidadosa reflexão, a discussão para o vasto campo das monografias sobre essa questão, porém me restringi à discussão mais típica no campo da Introdução ao Novo Testamento. Uma introdução ao Antigo ou Novo Testamento não apresenta suas próprias investigações mais recentes, somente informa a respeito da condição atual da pesquisa e segue para o que tem recebido reconhecimento geral. É o manual que o estudante utiliza quando se prepara para um exame. Ele pode ignorar uma monografia individual, mas uma Introdução deve ser considerada. Uma Introdução conceituada e consolidada mostra o conteúdo a ser seguido que a teologia histórico-crítica apresenta pelos seus estudantes. Nela, pode-se verificar a teologia histórico-crítica em suas próprias palavras; é impossível fugir. O que um autor escreve pode ser colocado de lado, considerado material não-normativo, mas o que uma Introdução afirma, permanece.³

¹ Eta Linnemann, *Is There a Synoptic Problem?* trans. R. Yarbrough (Grand Rapids: Baker, 1992), a ser comparado com a mais nova edição de *Gibt es ein synoptisches Problem?* 4ª ed. (Nuremberg: Verlag für Theologie und Religionswissenschaft, 1999).

² Robert Morgenthaler, *Statistik der Neutestamentlichen Wortschatzes*, 4ª ed. (Zurique: Gotthelf Verlag, 1992).

³ Uma exceção é a monografia de Trilling, uma vez que Schnelle se refere a ele em vez de apresentar seus próprios argumentos.

Até certo ponto, os capítulos deste livro pertencem à área da pesquisa básica, na qual se dispõem diretamente os dados e os trabalhos do Novo Testamento por meio dos resultados. Por outro lado, os resultados histórico-críticos são analisados e investigados de modo crítico. Porém, em nenhum desses aspectos da pesquisa é necessário consultar a totalidade da literatura relevante. Também, para os não-especialistas em Novo Testamento, seria pouco proveitoso incorporar as discussões críticas encontradas nessa literatura. No entanto, não vou negar que um crítico estaria justificado ao considerar uma falta a minha omissão dessa literatura. Contudo, eu alego que alguém que já passou dos 70 anos de idade deve estabelecer prioridades. Por essa razão, também não presto honra merecida a alguns autores evangélicos que chegaram a resultados semelhantes aos meus.

Teria sido fácil e justo acrescentar as relevantes contribuições de Guthrie e Carson-Moo-Morris.⁴ Mas não o fiz porque somente alguns poucos de meus leitores alemães teriam acesso a esses livros, e as citações extensas deles poderiam romper o fluxo do pensamento.

Possa este livro, apesar de suas conhecidas fragilidades, ser útil e possa conduzir alguns estudiosos mais jovens a ver a si mesmos encorajados a produzir uma obra suplementar no mesmo espírito. Desse modo, eles descobrirão as inovações contidas não em pequena medida nestas páginas que se seguem, inovações que, eu tenho profunda esperança, sejam incorporadas às sérias investigações bíblicas do Novo Testamento.

Toda a honra seja dada unicamente ao Senhor!

⁴ Donald Guthrie, *New Testament Introduction*, 4ª ed. (Downers Grove: InterVarsity, 1990); D. A. Carson, Douglas J. Moo, e Leon Morris, *An Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1992).